

RASTROS DO CORPO: UMA POÉTICA DE AUSÊNCIAS¹**TRACES OF THE BODY: A POETICS OF ABSENCES**Rafael de Souza Bento Fernandes²Maria Cleci Venturini³

RESUMO: O estudo, de caráter bibliográfico, tem como objetivo explorar a realidade material e imaterial dos corpos, tomando por base o gesto analítico de dois grupos escultóricos da cidade de Budapeste, Hungria: o Memorial às Vítimas da Ocupação Alemã e os Sapatos do Danúbio. Filiamos-nos à Análise de Discurso de orientação francesa, no que tange, em especial, aos estudos de Foucault e também de Pêcheux (2009). Para tanto, em um primeiro momento, retomamos a discussão sobre a inquietação das palavras e o modo como elas concebem o acontecimento (Foucault, 2008), assentados no/pelo corpo sob a forma das instituições: processo que, por um lado, exerce controle e poder no âmbito do discurso artístico; e, por outro, desloca saberes e discursos museológicos (Venturini, 2017). É mister compreender como o espaço urbano marca posições que mobilizam, no fio tenso da verdade, a narrativa oficial: movimento que toma o corpo como foco de uma batalha discursiva. As análises indicam que, em um caso, o corpo do arcanjo Gabriel se presta a um discurso de revisionismo histórico ao passo que, no outro caso, o corpo ausente das vítimas do grupo *Arrow Cross* metaforiza a tragicidade da perda, (re)presentificando o passado do holocausto nazista pelo apagamento das biografias e pelo envenenamento político da nação.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Arqueologia do saber. Discurso. Museu. Holocausto.

ABSTRACT: The study, of a bibliographic nature, aims to explore the material and immaterial reality of bodies, based on the analytical gesture of two sculptural groups from the city of Budapest, Hungary: the Memorial to the Victims of the German Occupation and the Danube Shoes. We are affiliated with the French-oriented Discourse Analysis, particularly with regard to the studies of Foucault and also Pêcheux (2009). To this end, at first, we discuss the restlessness of words and the way they conceive the event (Foucault, 2008), based on/by the body in the form of institutions: a process that, on the one hand, exercises control and power within the scope of artistic discourse; and, on the other hand, it displaces museological knowledge and discourses (Venturini, 2017). It is urgent to understand how urban space marks positions that mobilize, in the tense thread of truth, the official narrative: a movement that takes the body as the focus of a discursive battle. The analyzes indicate that, in one case, the body of the archangel Gabriel lends itself to a discourse of historical revisionism while, in the other case, the absent body of the victims of the Arrow Cross group metaphorizes the tragicity of the loss, (re)presentifying the past of the Nazi holocaust by the erasure of biographies and the political poisoning of the nation.

KEYWORDS: Body. Archeology of knowledge. Speech. Museum. Holocaust.

A utopia é um lugar fora de todos os lugares, mas um lugar onde eu teria um corpo sem corpo, um corpo que seria belo, límpido, transparente, luminoso, veloz, colossal na sua potência, infinito na sua duração, solto, invisível, protegido, sempre transfigurado; pode bem ser que a utopia primeira, a mais

¹ Estudo vinculado ao Projeto Universal (CNPq) “Discursivização e representação social, histórica e material do Holocausto em museus e memoriais”.

² Pós-doutorando no PPGLETR, UFPR, sob a supervisão de Maria Cleci Venturini. Doutor em Letras pela UEM, com período sanduíche no Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Coimbra. Professor de Língua Portuguesa e Linguística da UNIOESTE. E-mail: rafaelbfernandes@hotmail.com.

³ Doutorado em Letras (UFSM) e pós-doutorado em Letras, com bolsa da CAPES, na Universidade de Coimbra, sob a supervisão de Fernando Catroga. Docente no Departamento de Letras (UNICENTRO) e docente permante nos PPGs em Letras da UNICENTRO e da UFPR. E-mail: mariacleciventurini@gmail.com.

inextirpável no coração dos homens, consista precisamente na utopia de um corpo incorporal (Foucault, 2013, p.8).

1 Introdução

Materialidades incorporais inexistem. Há sempre um corpo e é a partir desse corpo que o discurso se sustenta, legitimando dizeres e poderes. Não há discurso no reino de palavras jamais pronunciadas, na artificialidade dos diálogos inexistentes, ou em um mundo onírico puro, de castelos imaginados. O enunciado é a parte visível de uma estrutura anterior, que recobre com estatuto de verdade, desloca um campo associado e inunda de signos perceptíveis práticas que são, por sua vez, retroalimentadas pelos processos sociais. Assim, ao assumir a produção e a pesquisa em Análise do Discurso, optamos por não perseguir um *pensamento*, um *espírito do tempo* ou uma *direção universal* (e universalizante) que governaria a conduta dos homens por uma força metafísica, indetectável, demiúrgica.

Os domínios sobre os quais nos debruçamos são os campos materiais de existência semiológica. O discurso é um elemento raro dentro de um campo imenso de possibilidades que poderiam vir a irromper, conforme salienta Foucault (2008) na Arqueologia do Saber. Por esse motivo, soa tão peculiar a proposta ora apresentada de traçar um gesto de leitura sobre um corpo inexistente, que usurpa os fios narrativos por sua trágica ausência. Para essa tarefa, em um primeiro momento, trataremos da busca impossível pela verdade apofântica, lógica, que, em suma, é intranquila, sujeita à realidade beligerante da palavra. Em um segundo momento, trataremos da poética da ausência do corpo. As práticas analíticas têm como foco dois grupos escultóricos da cidade de Budapeste, capital da Hungria, que evocam a cada passo a memória da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto nazista⁴. No que toca aos aspectos teóricos, além da análise enunciativa em Foucault (2008, 2005), recuperamos a compreensão do corpo-memória e cidade-museu em Venturini (2017).

A problemática que nos move, neste texto, diz respeito à constituição de efeitos de sentidos em torno de acontecimentos, os quais existem pelas palavras, que mudam de sentido de acordo com as posições-sujeito dos enunciadores (Pêcheux, 2009). Colocar em suspenso as palavras, analisando-as dentro de determinadas condições de produção, é, portanto, sempre necessário. Assim, questão a que subjaz o estudo é: como as palavras criam acontecimentos e os significam a partir de sujeitos? E ainda: como o corpo, como materialidade, faz ressoar no discurso artístico efeitos de verdade para o registro da história (como narrativa factual)? Esse movimento de leitura, ao percorrer os caminhos movediços e incertos das palavras, resvala, contudo, em sua própria indeterminação – ou, como denominamos - inquietação.

2 Inquietação da palavra

No âmbito dos estudos discursivos, está bastante assentado que a verdade (ao menos em sentido platônico-aristotélico, essencial) está dispersa em distintas posições-sujeito. Isso quer dizer que à palavra será atribuído peso diferente conforme o lugar institucional de onde ela parte. Tal compreensão coloca em cheque a crença no sujeito como produtor último (e único)

⁴ Não temos a pretensão de historicizar partes ou a totalidade do conflito armado que assolou a Europa entre 1939 e 1945, ou a perseguição sistemática que promoveu o assassinato de milhões de judeus. O estudo diz respeito ao modo pelo qual, em duas posições-sujeito distintas, (re)conta-se a história – processo que, no imaginário urbano – é atravessado por dois corpos: um presente, um ausente. Conforme análise, a narrativa histórica (que se projeta como oficial) da entrega da Hungria às forças nazistas não encontra lastro com a realidade material dos acontecimentos. É uma inquietação da palavra que expurga culpas devido à necessidade política – esse processo é alvo de uma resistência pungente.

de seu próprio enunciado, e põe em cena um complexo jogo no qual se analisa a trama que recobre os objetos, os referentes e os conceitos. O edifício pretensamente sólido que estrutura (o desejo de) a verdade está, assim, construído sobre um terreno movediço, marcado por falhas, deslocamentos, rupturas e fraturas.

A vontade de verdade⁵ (Foucault, 2008), vontade em potência, o ímpeto do dizer verdadeiro está calcado em regiões de um “arquivo”: acúmulo manifesto de *séries de séries enunciativas*⁶ cuja existência material dá suporte - e legitimidade - às práticas sociais, à dinâmica *normal*, a tudo o que se percebe como curso natural das coisas. Mais do que isso: “rastros de velhos mistérios” de genealogia, segundo entendimento comum, dispensável, haja vista que a *normalidade* se impõe com força de lei; em especial, nos domínios religiosos, jurídicos e clínicos. Em certo sentido, isso equivale à afirmação categórica de que a verdade é uma construção de linguagem que tem como fundamento sua própria imagem. Conforme recitou Xenófanes de Colofonte, um dos filósofos pré-socráticos: “Mas se mãos tivessem os bois e os cavalos e os leões e pudessem com as mãos desenhar e criar obras como os homens, semelhantes aos cavalos o cavalo representaria os deuses, e o boi semelhantes aos bois, e lhe dariam corpos como os que eles mesmos têm”. (Clemente de Alexandria, *Tapeçarias*, v. 110 *apud* Eco, 2013, p. 14).⁷

Sob essa premissa, Michel Foucault (2014), em aula proferida em 1971 no *Collège de France*, trata do desafio de fazer uma história que não tenha como referência um sistema do sujeito e do objeto, mas que se volte para os *acontecimentos do saber e seus efeitos de conhecimento*. No caso, propõe uma revisão da exclusão dos sofistas e de sua arte retórica na Antiguidade Clássica. Nesse embate, é preciso considerar que, em Aristóteles, a verdade é a causa material e final da filosofia:

O filósofo está na verdade; está nela de pleno direito, desde o início. É ela que está substancialmente presente naquilo de que ele fala; é ela que age de forma eficiente no desenvolvimento da filosofia; é ela que dá forma à singularidade de cada filosofia; é ela que serve de fim para todas as colocações do filósofo (Foucault, 2014, p.32).

Mesmo assim, há margem para a cegueira e o silêncio, pois, conforme Foucault (2014, p. 33), para Aristóteles, o equívoco do dito e do não-dito (distância sem lacuna que faz a verdade estar ao mesmo tempo oculta e presente na fala do filósofo), essa “luz que é sombra”, é o efeito de um “segredo voluntário” ou de uma reserva prudente, à maneira dos oráculos. Se os filósofos não dizem a verdade, não é porque sua indulgência queira proteger os homens de sua face

⁵ Vontade de verdade, segundo Foucault (2005, p. 17), refere-se ao modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e atribuído. A vontade de verdade, como um sistema de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional na medida em que é reforçada e reconduzida por práticas oficiais. No ensejo da discussão, a narrativa histórica contada por duas posições-sujeitos distintas: por dois corpos.

⁶ Esse conceito tem sido desenvolvido em projeto de pós-doutorado. Refere-se ao gesto teórico e metodológico de reunir, sob um mesmo sistema de dispersão, séries de enunciados que compartilham similares modos de distribuição de objetos, conceitos, modalidades enunciativas e temas/teorias – os quais, amparados na descontinuidade histórica, caracterizam, no fio tenso da verdade, as práticas discursivas. Esse tópico foi mais bem explorado em Fernandes (2023).

⁷ No âmbito da filosofia da linguagem, Martins (2005) afirma que, segundo o caminho sofisticado, não havendo possibilidade de acesso ao real, o que a linguagem diz então são as próprias opiniões ou impressões dos homens – opiniões em torno das quais se formam os consensos, que por sua vez responderiam pela estabilidade da linguagem. [...] O que uma expressão vem a significar é algo mutável, que se institui no próprio curso das nossas práticas, no entrelugar deixado pela não-fixidez de nossas crenças e pelo potencial persuasivo e mesmo demiúrgico da linguagem (Martins, 2005, p.452 - 453).

terrível, é porque falta a eles certo saber. O efeito sofisticado opera, em contramão, pela simbolização. O sofista seria aquele que utiliza a mesma palavra, o mesmo nome ou a mesma expressão para dizer coisas diferentes. Dessa forma, diz duas coisas na própria identidade da coisa dita, como se fosse uma espécie de imagem invertida de raciocínio. O filósofo socrático, nessa busca, salienta a necessidade de tornar a linguagem absolutamente transparente, eliminando desta a realidade material do discurso: condição *apofântica* do campo da verdade ou do erro das proposições.

Assim,

Na apofântica [...] a materialidade do discurso não será mais que uma sombra reduzida e indiferente. Na sofisticada, é o raciocínio que será uma sombra; mas não a sombra-resíduo, a sombra que deixamos atrás de nós; será a sombra cênica, o sócio e o mímico atrás do qual esconder-se. E quando Aristóteles diz que o sofisma é apenas uma aparência de raciocínio agora podemos compreender o que quer dizer: o Sofista faz como se raciocinasse, sendo que só manipula as palavras; posiciona-se no espaço cênico de um raciocínio que não é mais que uma comédia e um jogo de máscaras com relação à materialidade do discurso. E essa materialidade do discurso Aristóteles sabe bem que é apenas uma sombra, um resíduo com relação à necessidade ideal da apofântica. De modo que, atrás de seu teatro de sombras no qual finge raciocinar, o próprio Sofista, nos bastidores, nunca mantém mais que a sombra de um discurso (Foucault, 2014, p. 46).

A esse respeito, Foucault (2014, p. 47) esclarece que a verdadeira exclusão do sofista⁸ dá-se em Aristóteles: (i) quando ele define o sofisma não como um raciocínio falso que aparenta ser verdadeiro, mas como aparência de raciocínio (o qual, portanto, não é verdadeiro, nem falso) e (ii) quando relaciona a aparência de raciocínio não a alguma arte do simulacro, mas a um jogo com a materialidade do discurso. Em resumo, “quando tem a ousadia de fazer da coisa dita, em sua materialidade, uma sombra irreal que ronda a realidade ideal do *lógos* [logos]” (Foucault, 2014, p. 47). Eliminar da linguagem os percalços, controlar os processos de simbolização, abolir as metáforas e desvios, restringir os acasos de duplo sentido, contudo, tem sido, ao longo da história do pensamento linguístico, uma busca infrutífera.

A inquietação impõe-se a cada palavra da/na construção do mundo da cultura. Assim, os processos sociais têm uma existência material enunciativa: um tipo de edifício simbólico que se apoia, em última instância, em si mesmo. Tomemos como verdadeira a hipótese segundo a qual a linguagem cria os objetos dos quais ela mesmo trata (Foucault, 2008)⁹. Assim, não existe *louco*, antes de um discurso articulado e institucional sobre a loucura. Não existe *delinquente*, antes de um discurso articulado e institucional sobre a delinquência. Ainda que pareça absurda essa “não existência”, consideremos a percepção social sobre estes, o recorte – segundos princípios de significação – que faz com que seja possível sua nomeação e identificação.

⁸ De acordo com Oliver Reboul (2004), a tradição socrática suplantou a arte retórica. Isso se deve a uma série de circunstâncias históricas: por exemplo, Descartes, em sua filosofia, chamou de falso tudo que é verossímil; o positivismo de Comte apoiou-se estritamente na “verdade científica” e a estética romântica propagou o ideal de sinceridade. À filosofia não essencialista, assim, atribui-se rótulo de “mentira”, tanto que a retórica desapareceu no século XIX e o termo “sofisma” tornou-se espécie de difamação. Eis a iminência da “solenidade da origem” das pesquisas continuístas que, assumindo paradigma essencial, estabelecem, sem espaço para crítica, jogo contrastivo de certo e de errado.

⁹ Pressuposto desenvolvido amplamente na obra *Arqueologia do Saber* (2008), referência para composição do texto. Em especial, no subitem 3, “A formação dos objetos”.

Nesse sentido, Machado (2006) afirma que o que a História da Loucura de Foucault descobre é um processo, iniciado no Renascimento, de crescente subordinação da loucura à razão. A História da Loucura não é, como se poderia supor, uma crítica da razão, mas uma análise de seus limites, das fronteiras que se estabelecem e se deslocam excluindo e reduzindo o que ameaça sua ordem. Processo descontínuo (que aparece em três épocas distintas), a psiquiatria, alvo principal do livro, tem condições de possibilidade históricas, temporais e antecedentes. Não há um gesto libertador (como atribuído a Pinel) em que a psiquiatria rompe com o passado e inaugura o novo estatuto de louco considerado doente mental – esse gesto de “patologização” foi bem preparado: as condições de possibilidade históricas da psiquiatria são mais institucionais do que teóricas. O que Foucault apresenta com o gesto analítico destrutivo em relação às continuidades temáticas documentadas é o fato de que o louco foi circunscrito, individualizado, isolado por problemas econômicos, políticos e assistenciais e não por exame médico “científico” e “objetivo” (Machado, 2006).¹⁰

Esse exemplo traduz, em partes, o ponto fulcral dos estudos discursivos: a linguagem, em sua tessitura perceptível, estabelece as tomadas de posição que emergem como “a verdade pura”, aquém da discussão terrena sobre o bem e o mal, elidindo o fato de que a apofântica aristotélica se concretiza justamente onde há historicidade e falha da subjetividade. O discurso, afinal, não está na ordem do desejo, no lugar onde as verdades se elevam. O discurso está na ordem das leis, das instituições, que cuidam de sua perigosa aparição e delimitação. A palavra verdadeira, longe de ser uma realidade apofântica, é, sobretudo, uma inquietação:

[...] inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras, cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades (Foucault, 2005, p.8).

Em Ordem do discurso, Foucault (2005, p. 46) estabelece, ainda, que desde que foram excluídos os jogos e o comércio dos sofistas, desde que seus paradoxos foram amordaçados, o pensamento ocidental tomou cuidado para que o discurso ocupasse o menor lugar possível entre pensamento e palavra: antiquíssima elisão da realidade do discurso no pensamento filosófico que tomou muitas formas ao longo da histórica, por exemplo: o mito do sujeito fundante, o tema da experiência originária e o tema da mediação universal. O discurso, assim, se inscrevera na ordem do significante. Como ironiza o filósofo, não há civilização mais respeitosa, mais *logofílica*, com o discurso do que a nossa: nós o veneramos e, ao mesmo tempo, escondemos uma espécie de temor sobre ele. Assim, interdições, supressões, fronteiras e limites tendem a dominar, ao menos em parte, a grande proliferação do discurso.

Foucault alerta, ainda, para uma *logofobia*, “uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados, de tudo o que possa haver aí de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, e de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso” (Foucault, 2005, p.50). É como se a palavra não respeitasse as tentativas de conjurar seus possíveis efeitos nefastos, a sua mania de dizer mais do que diz: sua inquietação, enfim. Consideremos, para discussão, o discurso museológico como testemunho de existência que, ao estabelecer as fronteiras ausentes, pretensamente documenta o desenvolvimento da sociedade – predizendo a verdade tal e qual ela deve vir a ser.

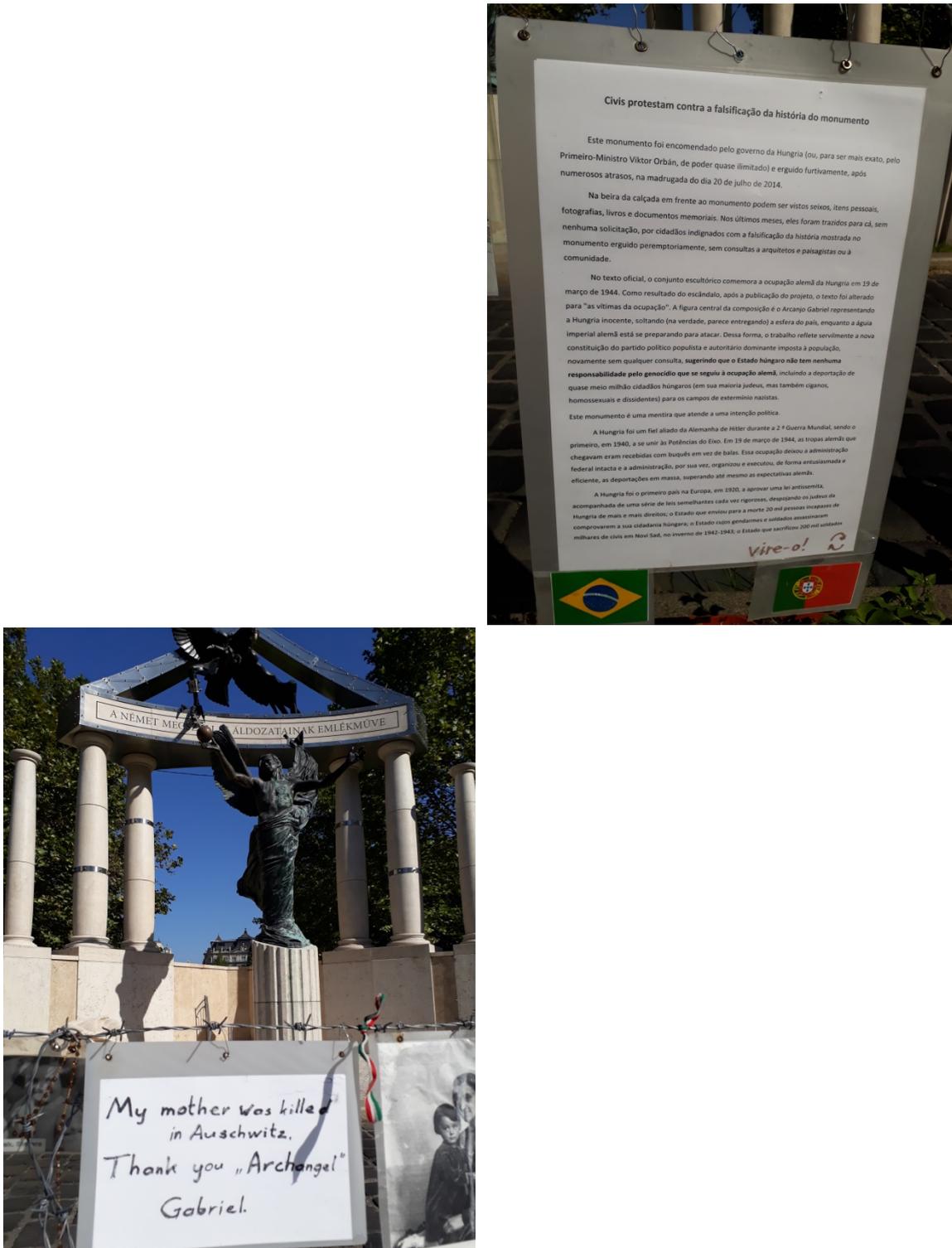
¹⁰ Essa discussão foi mais bem explorada em trabalho anterior. Ver “Uma crítica voraz”, em Fernandes (2023).

Venturini (2017), em estudo sobre o corpo-memória/corpo-documento de Inês de Castro, famosa rainha de Portugal, trata dos arranjos de memórias que caracterizam, no espaço urbano, condições “para rememorar/comemorar o ausente-presente pela repetibilidade que constitui a memória, significando por e para sujeitos” (Venturini, 2017, p. 53). A conclusão é a de que a cidade de Coimbra, ao menos parte dela, dá visibilidade a uma narrativa mitológica decorrente de ritualizações e projeções do espaço público. Tomemos como exemplo uma área externa, palco de discussões, na cidade de Budapeste, Hungria – encontrada ao acaso durante experiência de viagem que, assim como quase toda a paisagem urbana, faz pulsar chagas ainda abertas da Segunda Guerra Mundial:



Texto-imagem 1. Monumento central do Memorial às Vítimas da Ocupação Alemã. Budapeste, Hungria. Fotografia de Rafael Fernandes, 2017.

Assim como a arte neoclássica, a inspiração é representacional na escultura. A águia de ferro faz referência à Alemanha Nazista, que ataca de forma impiedosa o anjo que, sem ter condições de resistir, entrega à ave de rapina a orbe de cruz dobrada (um dos principais elementos do brasão húngaro desde a Idade Média), ou seja, a nação. A inscrição, em húngaro, diz: “Memorial às vítimas da ocupação alemã”. No entanto, o que chama realmente a atenção quando nos aproximamos da pequena praça, uma das milhares que compõem o cenário urbano do centro histórico da capital húngara, é um protesto nada sutil: dezenas de objetos como malas, peças de vestuários e cartas circundam a escultura, isolada por um arame farpado, análogo aos utilizados em campos de concentração. Nesse arame, além de fotografias, há guias em diversas línguas (inclusive, português) que explicam de forma detalhada o porquê do protesto.



Texto-imagem 2 e 3. Detalhes. Fotografias de Rafael Fernandes, 2017.

Acontece que a idealização e construção do memorial, aprovada à véspera do ano novo de 2013 e construída na noite do dia 20 para 21 de julho de 2014, causou indignação na comunidade judaica (Avelar, 2019). Ao colocar o arcanjo Gabriel na posição de uma vítima que entrega a nação à Alemanha Nazista, reconfigura-se uma memória histórica de

conveniência e aliança do país, sugerindo que a Hungria, aliada de primeira ordem de Hitler, não teve responsabilidade alguma pelo genocídio que se seguiu à ocupação alemã:

No último dia de 2013, o governo Orbán assinou um decreto para a construção de um monumento em memória dos 70 anos da ocupação da Hungria pelas tropas alemãs, durante a Segunda Guerra Mundial. A obra deveria ser concluída até março do ano seguinte e tamanha rapidez demonstrava a importância que o regime conferia à efeméride que se aproximava. Houve dispensa de licitação para a escolha da empresa construtora e a documentação do projeto ficou pronta em meados de janeiro. Assim que os planos do governo Orbán se tornaram públicos, grupos políticos, artistas, ONGs, historiadores, e especialmente a comunidade judaica de Budapeste, se levantaram contra esse lugar de memória que pretendia homenagear “todas as vítimas” da ocupação alemã. A força das críticas levou Orbán a suspender a construção do monumento até 31 de março de 2014 e a se comprometer a dialogar com a comunidade judaica. Entretanto, dois dias após a vitória do Fidesz nas eleições legislativas de 8 de abril, a obra foi retomada sem aviso e as últimas partes foram colocadas na noite de 20 de julho. Não houve inauguração oficial e nenhuma cerimônia pública foi realizada, o que não esfriou a resistência da oposição, que culminou na constituição de um monumento alternativo – ou contramonumento – à construção tão desejada por Orbán (Avelar, 2019, p.1).

O efeito de verdade do discurso enunciado sob a forma de uma praça pública que, supostamente honra a memória dos assassinados no genocídio nazista, cumpre, assim - sob determinado ponto de vista - o papel de engenharia narrativa da memória histórica, obliterando fatos do passado pela conveniência política do presente. Uma batalha discursiva presenciada entre o elemento do poder instaurado em pedra contra a resistência articulada em papel e arame que, apesar das limitações, faz-se ouvir (talvez ainda mais alto). Desse modo, como assevera Venturini (2017), museus, ainda que em espaços abertos, nunca são lugares puramente artificiais e objetivos, não são também lugares da história como historiografia ligada a compromissos com a verdade:

[...] a contradição está no fato de o museu ser um lugar construído dentro de demandas sociais e culturais e, a partir de sujeitos, podendo-se pensar que cada espaço busca singularidade do que decorre a invenção e dentro dessa invenção a história, a qual, em nossa análise, ocorre por um corpo-documento com existência passível de referência em determinado espaço temporal, que faz parte da interpretação (Venturini, 2017, p. 63-64).

Exterioridade e formas de acúmulo enunciativo constituem a realidade das formas de circulação enunciativa. Ser passível de referência no espaço temporal, assim, tem a ver com as condições de existência enunciativa: um jogo que se desenrola no tempo, no controle e des controle das narrativas – as quais, como salienta Venturini (2017), fazem parte da interpretação. Ao buscar eliminar a distância entre palavra e coisa, ignorando o limiar do discurso, transveste-se a palavra de um efeito de verdade que só existe ele próprio como discurso - eis a contradição. A palavra é, enfim, espaço de rituais que falham. Mais do que isso: é o poder do qual nos queremos nos apropriar.

Na dispersão das posições-sujeito, conforme Pêcheux (2009), as palavras adquirem sentido: criam e recriam acontecimentos, fazem reverberar efeitos de verdade. As palavras tocam os referentes, recobrando-os com uma densa camada simbólica que, no espaço do discurso artístico, registra uma posição que, no caso, expia culpas, inocenta algozes, louva abstrações como as da religião e da pátria. Afinal, o gesto surpreso do anjo, a pureza da expressão facial, a abertura suave das asas, as vestes esvoaçantes contrastam com a rigidez da águia: concretiza, em sua expressão material, inocência e dor. A homenagem opera pela abstração. Abstração que atinge dois pontos centrais: a) a nação erigida sobre os escombros do passado glorioso da antiga Roma e Grécia; e b) da divindade do catolicismo: ambos deslocados de lugares distintos da memória, acionados para uma narrativa alegórica de guerra – a qual, no contexto do espaço urbano, e da ascensão da extrema-direita ao governo, mobiliza, pela palavra e pelo corpo, uma distinção clara entre posições dicotômicas: o anjo vilipendiado e a águia de ferro impiedosa. Eis o processo institucional da vontade de verdade, a qual concebe, por aparato de leis, regulamentos, processos e disposições arquitetônicas, efeito centralizado de narrativa sobre as coisas, sobre o mundo.

À sequência, trataremos do corpo-ausência tomando como exemplo outro grupo escultórico da cidade de Budapeste.

3 Inquietação do corpo

O profundo ceticismo foucaultiano, tal como o define Veyne (2008), afasta os estudos do filósofo do domínio metafísico e o aproxima da matéria palpável (ainda que abstrata) das práticas discursivas e não-discursivas que constituem as malhas da cultura, os territórios do saber e as instituições que regulam a percepção sobre as palavras e as coisas; assim como os fortes nós que estabelecem o dizer verdadeiro sobre algo, segundo condições específicas de proliferação e circulação.

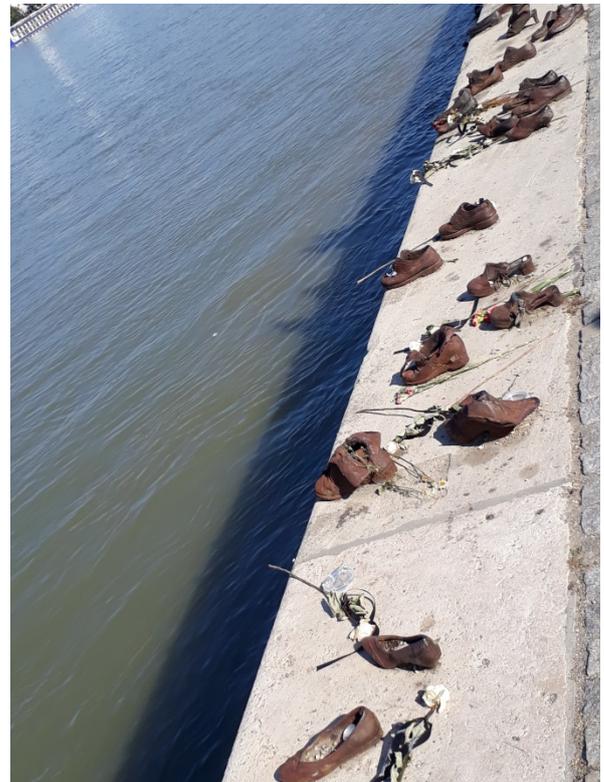
O efeito de “corporização” das faculdades pretensamente essenciais de todo e qualquer percalço social tem como fim último o próprio corpo humano – o mais significativo texto já construído pela cultura. Isso porque esse pequeno intervalo de espaço, parafraseando Foucault (2013), é o contrário de uma utopia de projeções inimagináveis: lugar sempre lá, nunca aqui, horizonte inalcançável que se agiganta a cada passo que damos em direção a ele. O corpo é, sim, uma topia: o fragmento de existência do qual nós não nos distanciamos jamais.

O próprio corpo tem suas modulações. Altura, cor da pele, pilosidade, postura, robustez, som da voz, desenho do nariz, contorno da cintura, cheiro, performance de gênero e gestos: são algumas das características lidas ao longo do tempo como sinais de prestígio, desprestígio, correção, adequação ou inadequação ao longo do tempo. Assim como os enunciados linguísticos, essas séries de objetos discursivos são descontínuos entre si, e respeitam uma arquitetura do olhar, um gesto de apreciação, conforme desígnios do tempo – esse próprio também heterogêneo.

Na história do ocidente, conforme Eco (2013), houve distintas abordagens para alcançar o sonho da beleza, o que mobilizou toda sorte de artifícios, todo tipo de procedimento e de práticas. O imaginário artístico, por exemplo, capturou os desenhos do corpo-modelo aplicando noções matemáticas muito restritivas: é o caso da estátua cânone, de Doríforo – milhares de vezes copiada, e ainda reproduzida em revistas contemporâneas de práticas esportivas (Fernandes, 2019). Dessa forma, podemos assumir que há uma relação muito bem assentada entre a construção das subjetividades e a apreciação do corpo, em especial no que toca ao capitalismo industrial contemporâneo que transforma a identidade em seu mais lucrativo produto (Han, 2022).

O gesto apofântico, de profundo controle sobre aspectos somáticos, normaliza o corpo, reduzindo e eliminando pouco a pouco as asperezas e os contornos da massa viva, que respira, que ocupa espaço - que existe, afinal. O corpo do soldado, o corpo do trabalhador, o corpo da criança são exemplos dos rigorosos estratagemas do poder, cujas técnicas e tecnologias instauram o limiar da adequação e da aceitabilidade no âmbito de relações institucionais, sublimadas em processos microfísicos. Por isso talvez cause estranheza a apreciação discursiva do corpo não por seus traços fundamentais, mas pela sua ausência, pela sua falta, pelas partes que indicam sua presença noutra momento ou época.

Próximo ao famoso parlamento húngaro, às margens do rio Danúbio, encontra-se um grupo escultórico *sui generis*. Em um primeiro momento, ele causa estranheza por contrastar com a paisagem que tem um apelo arquitetônico clássico, onde não se esperaria encontrar uma manifestação de arte contemporânea, que teria a função de provocar o pensamento ao invés de harmonizar com o ambiente. À distância, as formas são indistinguíveis; convidam a proximidade, jogam com a curiosidade do(a) transeunte. Demandam um olhar contemplativo, quase participativo.



Texto-imagem 5. Sapatos à beira do Danúbio.
Budapeste, Hungria. Fotografia de Rafael
Fernandes, 2017.

Próximo à escultura, fica claro que são sapatos em tom brônzeo, dispostos de maneira irregular, na extensão de poucos metros. Rosas e velas parcialmente derretidas sugerem que há algo que o observador incauto não compreende, que não está na superfície da materialidade para ser interpretado. Atrás da escultura, há uma placa de ferro onde se lê em inglês, húngaro e hebraico: “*To the memory of the victims shot into the Danube by Arrow Cross militiamen in 1944-45. Erected 16 April 2005* [Em memória das vítimas atiradas no Danúbio pelos milicianos da Arrow Cross, em 1944-45. Inaugurado em 16 de Abril, de 2005].

A escultura faz referência ao fato de que os judeus eram obrigados a tirar seus sapatos (artigos de luxo à época) antes de serem fuzilados e levados pelo mítico rio, que separa as antigas cidades medievais de Buda e de Peste. De seus corpos, restava apenas a marca da ausência. Um rastro de si. Uma espécie de metonímia somática, para a qual a narrativa extrapola a tristeza e a tragicidade de apenas mais um dos episódios do genocídio, encabeçado, nesse exemplo em particular, pelo partido de ultranacionista de extrema-direita “Cruz Fechada”.

Consideremos o detalhe, no texto-imagem 5. A disposição sugere cuidado e capricho ao depositar o sapato. A fragilidade do couro (em ferro fundido) contrasta com a brutalidade da história a que faz referência. Esse espaço memorial, nos termos de Venturini (2017), instaura laços identitários pelo corpo-documento que faz presente o ausente. Mais do que isso: reaviva a memória (que se quer apagada, esquecida) de um massacre injustificado. A cidade, como um espaço antiquíssimo, faz reverberar a memória do Holocausto, retomando discussão para pretensa vitimização de um país usurpado (a primeira escultura) em um caso, declarando culpa de um movimento assassino (a segunda escultura) noutro caso.

É representativa a figuração do arcanjo Gabriel, um dos símbolos nacionais da Hungria, na praça em homenagem às vítimas do Holocausto. A memória do protetor dos céus, que lutará contra Lúcifer quando do Apocalipse católico evoca um senso de obrigação e de poder. O corpo dos santos, na cristandade, aliás, é foco do poder e da palavra de Deus na Europa cristã (GÉLIS, 2011). Por esse motivo que, nesse confronto, a frase escrita à mão “*My mother was killed in Auschwitz. Thank you, ‘Archangel’ – Gabriel*” [Minha mãe foi morta em Auschwitz. Obrigado, ‘Arcanjo’. - Gabriel] conclama insatisfação e contraversão. A guerra discursiva pelos espaços da palavra, a inalcançável apofântica, desvela o corpo como agente e foco das relações de poder.

O corpo ausente re-presentifica (Venturini, 2017) o espaço vazio deixado por aqueles que tiveram suas vidas usurpadas pela política de morte. Aqueles que nunca puderam se reencontrar com seus pais, filhos ou amigos. Aqueles, cujo único rastro de si deixado para trás foram os sapatos. Uma poética de ausências significa nesses corpos vazios, em contraste com a abstração religiosa do corpo do arcanjo que se presta, no exercício do discurso, ao revisionismo histórico, tal como denunciou a própria comunidade judia, a homenageada.

4 Verdade em fragmento: rastros, ausências e lacunas

Foucault, em “A Ordem do discurso”, sua aula inaugural do Collège de France, já adverte que não tomaria para si a palavra, mas que gostaria de ser envolvido por ela: “gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios” (Foucault, 2005, p. 5). Desse modo, circunscrevendo as margens, as lacunas, as relações aparentemente tão fortes e naturais entre as palavras e as coisas, o filósofo concebe o discurso como feixe de *séries de séries* de enunciados, de existência concreta, de regras de formação, as quais estão no solo fundador das práticas e das subjetividades.

Pêcheux (2009), por sua vez, trata dos efeitos de sentido na dispersão das posições-sujeito que geram efeitos na ordem do imaginário e do simbólico, na medida em que as palavras (e os corpos, acrescentamos) só adquirem seu estatuto de verdade no âmbito do jogo discursivo. Assim, para ambos os filósofos, um enunciado abstrato, um sujeito sem corpo é uma irrealdade abstrata: uma utopia. A incorporalidade somática ou linguística só existe enquanto uma fantasia filosófica. O corpo, no entanto, pode marcar sua existência pelos rastros de si, indício irregular de uma presença-ausência, que clama e inflama sentidos. É categórico o exemplo de como o discurso artístico-museológico nas duas esculturas no estudo travam uma batalha pelo poder dizer a História com agá maiúsculo. O corpo-memória do arcanjo Gabriel e o corpo-ausência dos sapatos do Danúbio operam diferentes matrizes de simbolização: num caso, recupera a narrativa bíblica de luta contra um mal maior, estabelecendo um “nós” social de apelo identitário nacional.

No outro, a tragicidade da perda metaforiza a luta (re)presentificando o passado – arrancando as cascas das feridas, fazendo jorrar o sangue como um lembrete mais do que amargo dos limites a que podemos chegar em nome do ódio. Os sapatos do Danúbio, longe de serem uma realidade incorporal, marcam, pela falta metonímica, o desespero da perda, o apagamento das biografias e o envenenamento político da nação. O efeito de verdade para registro da história como narrativa factual, afinal, perpassa o exercício da palavra que concebe acontecimentos, os quais significam pelos e a partir dos sujeitos. É uma obra de arte intranquila pela qual o corpo é, em sua exiguidade, princípio e fim.

Referências

- AVELAR, Alexandre de Sá. O revisionismo histórico húngaro e o fantasma do Holocausto (Artigo). In: **Café História**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/revisionismo-hungria-monumento>. Publicado em: 19 ago. 2019.
- ECO, Umberto. **A História da beleza**. Trad. Eliana Aguiar. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- FERNANDES, Rafael de Souza Bento. Linguagem: notas de pesquisa descontínuas à luz da arqueologia foucaultiana. **Revista Interfaces**, vol. 13, n. 14, 2023.
- FERNANDES, Rafael de Souza Bento. Práticas discursivo-midiáticas sobre a corporalidade na construção do “homem Homem”: regimes de normalização e de exclusão. **Tese** (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 25ª. Ed. São Paulo: Layola, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Aulas sobre a vontade de saber**: curso no Collège de France (1970-1971). Trad. Rosemary Costhek Abílio – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico, As Heterotopias**. São Paulo: n-1 publications, 2013.
- GÉLIS, J.. O corpo, a igreja e o sagrado. In: Corbin, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (orgs.). **História do corpo**: da Renascença às Luzes. Trad. Lúcia M. E. Orth. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: a digitalização e a crise da democracia. Trad. de Gabriel S. Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- MACHADO, Roberto. **Foucault**: a ciência e o saber. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MARTINS, Helena. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. 2^a ed. São Paulo: Cortez, 2005.

VENTURINI, Maria Cleci. Museus e espaços públicos no encontro/desencontro da memória histórica e do corpo-memória/corpo-documento. In: VENTURINI, Maria Cleci (org.). Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis)curso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

VEYNE, Paul. **Foucault** – o pensamento, a pessoa. Trad. Luís Lima. Lisboa: Albin Michel, 2008.

PECHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi et al. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2009.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Trad. Ivone Castilho Benetti, São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Justiça e Direito).

Recebido em: 03/06/23

Aceito em: 04/09/23